



## OBRAS DE DEFESA DA PRAIA

Com o pedido de publicação, recebemos da Câmara Municipal de Espinho o seguinte comunicado:

Desde a primeira hora que a defesa da Praia tem sido motivo do maior interesse por parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

Nos últimos tempos mais ainda se acentuou esse interesse devido a duas justificadas exposições assinadas por mais de 600 pessoas pedindo providências imediatas para a defesa da Praia.

Em consequência disso, foram reforçadas as diligências, junto das entidades competentes, especialmente a Direcção Geral de Portos. Como resultado, foi-nos hoje comunicado pelo Exmo. Senhor Engenheiro Sá Nogueira que Sua Exa. o Secretário de Estado de Transportes e Comunicações, tinha concedido uma verba inicial de 1600 contos para a execução de trabalhos emergentes que servirão para consolidar as obras até agora realizadas.

Entretanto foi também comunicado encontrar-se em estudo, na Direcção Geral de Portos, um plano de defesa e reconstituição global da praia, a executar brevemente e que é independente dos trabalhos agora anunciados.

Apressa-se esta Comissão Administrativa a comunicar a boa nova a toda a população e especialmente àqueles que tão oportunamente solicitaram as providências agora em começo de execução.

E com muito agrado que se verifica, mais uma vez, que a unidade da Câmara com o povo é elemento decisivo na solução dos nossos problemas.

Cabe também uma palavra de reconhecimento, que afinal não é mais do que justiça, ao Governo Democrático que tão prontamente atendeu a nossa pretensão.

Espinho, 13 de Novembro de 1974.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho

## O anticomunismo mais que preconceito — uma injustiça

Pelo Pe. A. MORÃO

Um dos mais perniciosos efeitos do regime fascista deposto foi o sentimento anticomunista que inoculou em imensos estratos da população portuguesa. A intensa propaganda desenvolvida, durante anos, a ausência de informação objectiva, a impossibilidade de um diálogo ideológico e, ao mesmo tempo, a pobre e desluzida refutação do comunismo operada por razões que se reclamavam do cristianismo, provocaram, em muitos espíritos, atitudes perante os comunistas que mais provêm do domínio do preconceito do que de uma recusa intelectualmente fundada.

Durante todos estes anos de domínio fascista, criaram-se condições para um sentimento comum hostilizante, sem compreensão do fenómeno comunista e cheio de consequências tais que tornaram impossível uma abordagem serena e justa do que é comunismo, mesmo que se não concorde com a sua doutrina ou não se aceitem as suas análises e métodos de trabalho e acção. Mas a recusa não pode ser um sentimento de hostilidade. Tem de ser uma análise crítica e, sobretudo, um projecto de sociedade que responda

aos grandiosos (porque não dizê-lo?) desígnios que os comunistas julgam poder dar à humanidade em busca de justiça e desejosa de libertação de tudo quanto a oprime e impede o seu verdadeiro desenvolvimento e irradiação humana.

O esquema de repressão que, durante anos, se abateu sobre os portugueses que se reclamavam do direito de ser e agir em comunistas, revestiu as formas tradicionais clássicas de toda a tentativa de desfazer as minorias que, pelo seu entusiasmo, impulso e acção ameaçavam os interesses estabelecidos. Por isso, procurou-se com afincado criar uma opinião pública hostil, e, se não se recorreu à provocação de excessos populares, foi porque o próprio regime sempre desconfiou da acção das massas e julgava mais eficaz a acção insidiosa, o medo que se incutia nas pessoas que o desencadear de paixões populares que nem sempre se conseguem orientar para o fim desejado. Os métodos usados foram mais subtils e terrivelmente eficazes; recorreu à inferioridade legal: os comunistas eram cidadãos de segunda e terceira zona; quando não mesmo apontados, se não realmente traidores à pátria, pelo menos, ingénuos servidores de interesses estrangeiros. A sequência da repressão levou à clandestinidade, à expulsão e ao exílio muitos dos que teimavam em condições trágicas afirmar as suas ideais. O regime não duvidou em apelar para o último argumento, a liquidação física, precedida sempre pelos processos sem garantias e pela prisão sem respeito e pelo desmoronamento moral e psicológico dos resistentes comunistas. Mais tarde, outros cidadãos portugueses conheceram os mesmos caminhos da destruição e do subjugamento. Por isso mesmo, o anticomunismo não chega a ser uma atitude de inteligência; no fundo,

(Continua na pág. 5)

## Os falsos profetas

Eram 11 horas da manhã do dia 25 de Abril de 1974. No Rossio, o povo aplaudia as Forças Armadas, dava vivas à Democracia e à Liberdade nascentes naquele dia inesquecível de Primavera. Sem tempestades nem convulsões sanguinolentas, desfazia-se a bruma pesada e opressiva que durante meio século manietara o povo português. Defronte, na Pastelaria Suíça, uma senhora voltada para o balcão, numa voz sentenciosa murmurava para um empregado: «o povo não está preparado para isto».

Setembro 29. Num hotel onde se hospedavam uns americanos, um deles ao despedir-se da empregada emitiu a mesma pressagiosa sentença: «o povo português não está preparado para a democracia».

Estranha coincidência há nestes vaticínios, que proferidos em idiomas diferentes, um latino e o outro anglo-saxónico, reflectiam o mesmo propósito de achincalhe, como que obedecendo ao mesmo sombrio desígnio. Não são amigas do povo as vozes que assim se exprimem, e tampouco estão interessadas na sua promoção económica e social.

Quando em 1640 o povo português se libertou do jugo castelhano, certamente, outras vozes de idênticos profetas se fizeram ouvir: «o povo não está preparado para reconquistar a independência». Sucedeu porém, que o povo e as forças militares unidos no mesmo ideal, num esforço épico, expulsaram o invasor. Assim como hoje é necessário que essa aliança se mantenha coesa e vigilante.

Há um dito que suponho ser assírio que reza assim: «Cada povo tem o governo que merece». O que conceptualmente está errado, pois a história dos povos demonstra-nos o contrário, isto é: Cada governo tem o povo que merece. Assim vejamos:

O regime anterior ao 25 de Abril através duma elite mundana que se denominava «Movimento Nacional Feminino», fazia peditórios para os soldados que combatiam em África, inclusivamente, pelas épocas do Natal, forçava os trabalhadores a contribuírem com um dia do seu salário. Os trabalhadores negavam-se, e eram os empresários que tinham que dispender os respectivos óbolos. Assim, o povo respondia negativamente ao governo, era o povo que esse governo merecia.

Em 29 de Setembro, após ter sido jugulada a intentona reaccionária, o 1.º Ministro sugeriu ao povo que trabalhasse no domingo seguinte, ou seja em 6 de Outubro, e o povo afluíu em massa ao trabalho. O povo respondeu afirmativamente ao apelo do governo, porque o Governo tem o Povo que merece.

ALVARO BAPTISTA

## Mário Castrim há trinta anos

Bem, bem há trinta anos, não foi. Mas pouco menos. Voz amiga nos sussurrou que Mário Castrim, essa conhecidíssima e valorosa peça do xadrez jornalístico português, fôra colaborador da «Defesa de Espinho». Alertados por aquilo que para nós era novidade, lá fomos «catar» a colecção, de olhos bem abertos para não nos escapar. Várias folhas viradas, chegamos ao n.º 682, de 22 de Abril de 1945. Entre a coluna do Registo Social e a da Vida Desportiva,

na segunda página, um título de secção — *Os nossos poemas*. Nela, datado de Lisboa e desse mesmo mês, um poema entitulado «Ensaio» e assinado por Mário Castrim. É certo que se trata de um Mário Castrim que não é o de hoje. Um Mário Castrim que estaria a dar os seus primeiros passos na escrevinhação para a letra de forma. Mas nem por isso podemos furtar-nos à tentação de, seguidamente, transcrever na sua totalidade, o que em 1945, puderam apreciar os leitores do nosso jornal.

### Ensaio

*Eu tenho um amigo esteta  
que nunca fez poesia  
Mas possui um alforge de teoria  
e seria o maior poeta, um dia,  
se fosse poeta.*

*«A poesia é o imponderável  
que se condensa. Virgem nua  
dansando nua,  
nua e sempre inconfessável.  
A poesia não diz: sugere  
como uns olhos de mulher...  
A poesia é o pressentimento  
que se corporaliza;  
presença distante e frágil,  
tregeito de Mona Lisa».*

*Mas eu não ouço o meu amigo esteta.  
Modesto, sem a erudição  
com que me esmaga e me nega poeta,  
tomei minha inquietação  
lancei-a no fragor  
da minha poesia.  
E um imenso tambor  
rufou, raivoso, à rubra luz do dia  
Um homem ouviu e acordou;  
outra mulher ouviu, se levantou;  
a rua inteira vibrou  
e compensou-me de não ser poeta.*

*De não ser o poeta  
tal como diz o meu amigo esteta...*

# VIDA REGIONAL

## Anta

### OS NOSSOS «BURACOS»

Um destes dias fui convidado a visitar um pomar. Sabido que sou amante da natureza, como qualquer mortal, e sabendo que a mesma se apresentaria adornada de frutos garridos e pujantes de vitaminas sãs, no resisti à tentadora visão. Esta tentação iria custar-me umas quantas reflexões, aproveitadas muitíssimo bem pelo visitado, relativas não só ao ajardinado do seu magnífico terreno frutífero, como também das vias de acesso.

Não restam dúvidas de que fiz honras aos frutos soberbos de vida que se debruçavam na ânsia de serem saboreados. Não restam reticências também quanto às despesas com a manutenção dos mesmos. Não restam sombras de ignorância de que o prazer do seu proprietário era denunciado pela maneira como me conduziu pelas alas de árvores com frutos mimosos. Reconheço que não restam ilusões de que os frutos comidos mesmo ali por mim, tiveram o dom de reportar-me uns largos anos no tempo.

Recordei, enquanto o meu anfitrião foi acariciar os seus netos que não veria do dia anterior, o tempo em que munido de uma figa com a respectiva pedrinha colocada no rectângulo de cabeçal, fazia a minha pontaria para as maçãs penduradas lá no cimo de altas árvores onde não era possível trepar. Nesta época do ano já poucos frutos se mantêm agarrados ao seu cordão umbilical, pelo menos aqueles que de alvo me serviam, sendo tão pequeninos e tão raivosamente seguros que só despedaçados tombavam. Alguns frutos acabavam por cair saudavelmente sendo conduzidos a lugar seguro no meu estômago. Claro que o espectáculo que tinha diante dos olhos era longinquamente díspare em confronto com a minha recordação.

O regresso do meu amigo foi o alarme de um despertador de quarto. Regressei também ao presente. Notei ainda que nos últimos momentos de silêncio tinha sido observado disfarçadamente, sentindo-se no entanto naquele curto caral, uma corrente de ar saudável de bem estar. Tudo isto teve de ser quase pago com juros e demais impostos... Eu conto.

Depois de todo este regalo, quer visual quer estomacal, fui conduzido pelo meu amigo, descontraidamente, até junto de um portão de ferro que dá acesso ao seu terreno pelo lado sul. Este sul terá de ser localizado o mais exactamente possível. Na estrada que liga Espinho ao Picoto está localizado o lugar de Esmojães, que todos conhecemos. Antes da serração, que é a primeira que se encontra à esquerda, temos um armazém de vinhos, que tem uma frente virada à estrada em questão, e outra confrontando uma via norte-sul.

Defronte deste triângulo temos uma ligação que nos encaminha para quase poente. Eis o «caminho» que outro nome se não pode arriscar.

Esta via está vergonhosamente desleixada. Tem ervas daninhas que atravessam quase toda a via. Perguntei ao meu amigo se não tinha desgosto de ter aquela floresta paredes meias com a beleza do seu pomar. Diz-me que se fosse só floresta... juntamente havia bicharada de asas até fartar. E não vá sem resposta, continua, porque, já ofereci um donativo para auxiliar a desintupir este caminho, que mais parece para cabras, e até ao momento não houve interesse em aproveitar tal dádiva.

Talvez essa obra se elevasse a uma soma respeitosa e não houvesse hipóteses, riposte.

Decerto que sim, consente ele, mas a verdade é que nem sequer quisera aproveitar o entusiasmo para raspar o terreno e drenar a entulheira húmida que está permanentemente junto às janelas do lado sul da casa, de onde sobem toneladas de mau cheiro e metros cúbicos de insectos.

Que grande «buraco»... Que riquíssima digestão para as mães arranhou o nosso amigo.

Pensando no problema, neste preciso momento, não deixo de reconhecer grande dose de razão às observações do meu amigo e às tomadas por conta própria.

Temos verificado por notícias que chegam, quer através de jornais, quer através da rádio e TV, que numerosos melhoramentos se têm conseguido com o auxílio das populações locais, tanto pela angariação de fundos, como pelo trabalho de todos. Neste caso até havia já um incentivo monetário que se não aproveitou. Poder-se-ia ter realizado mais um melhoramento que a todos serviria e que continua a infestar de cheiros e insectos a população que ao redor daquele local vive.

Temos de pensar em comunidade e não em termos individuais. Se há uma possibilidade de melhorar determinada situação, os nossos maiores têm obrigação de atender em tal facto e procurar canalizar os frutos que se oferecem para solução com a inteligência e oportunidade necessárias ao bem comum.

Parece-me que neste momento ainda é tempo de conciliar a oferta deste nosso amigo com o interesse comunal, bastando para tal que os responsáveis desçam das cátedras e aproximem os interesses comuns. Posso, se me vêm valia, dar o meu contributo como mediano e como participante nessa obra que reputo de séria e de benefício local. Estou ao dispor.

Bem disse que as maçãs foram de digestão difícil...

15.11.74

ERRO

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Outubro de 1974, lavrada de folhas 133 a 135 do livro de notas para escrituras diversas D-Número 7, deste cartório notarial de Espinho, os senhores AMADEU ADEMAR FERNANDES, solteiro, maior, ANTONIO JORGE CARDOSO, solteiro, maior, e FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA, casado, todos residentes na Rua Quatro, 602, desta cidade de Espinho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «CARDOSO, FERNANDES & PEREIRA LIMITADA», durará por tempo indeterminado, a contar de hoje, e tem a sua sede e estabelecimento na Avenida Oito, número 604, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho.

Segundo — A sociedade dedicar-se-á à exploração dos ramos de café à chávina, pastelaria, bar e cervejaria, podendo dedicar-se a qualquer outro que os sócios deliberarem e seja consentido por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 54 000\$ e constituído por três quotas iguais, de 18 000\$00 cada, pertencentes a cada um dos sócios.

Quarto — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios.

Parágrafo primeiro — Os actos de mero expediente podem ser assinados por qualquer dos gerentes.

Parágrafo segundo — Para que a sociedade fique obrigada é indispensável intervenção de dois dos gerentes.

Nestas condições de representatividade, a gerência poderá confessar, desistir ou transigir livremente em qualquer processo em que a sociedade seja interessada.

Parágrafo terceiro — Fica expressamente vedada aos gerentes a intervenção em qualquer acto de favor estranho aos negócios sociais.

Quinto — É livremente consentida a divisão e cessão de quotas entre sócios. A cessão a estranhos só poderá ser feita com prévio consentimento da sociedade, que terá sempre o direito de preferir, preço por preço.

Sexto — As assembleias gerais serão convocadas com antecedência mínima de cinco dias, por carta registada endereçada aos sócios salvo se a lei exigir imperativamente outra forma de convocação.

Sétimo — Falecendo ou incapacitando-se qualquer sócio, a sociedade prosseguirá com os representantes do interdito e os sócios sobreviventes.

No caso de falecimento, os herdeiros do interdito escolherão entre eles um, que os represente na sociedade.

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES  
CARLOS PINHEIRO MORAIS  
JOAO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da  
CASA NUN'ALVARES  
Rua de Santa Catarina, 630  
PORTO

## Paramos

RIO DE PARAMOS

LIMPEZA:

Conforme em devido tempo foi referido neste jornal, a Hidráulica começou a tomar algumas providências para a limpeza de obstáculos existentes no rio que atravessa Paramos e que nas condições em que se encontrava facilitou enormes prejuízos na agricultura local, quando das fortes chuvas de Junho.

Foram os indivíduos «proprietários» dos terrenos confinantes com o rio intimados a efectuar a sua limpeza, designadamente quanto ao corte de árvores cujos troncos e ramagens prejudicavam a passagem das águas e progressivamente alteravam o traçado do rio. Teriam mesmo sido feitas notificações e talvez aplicadas multas a indivíduos que com a prontidão solicitada não satisfizeram essas «obrigações».

Consequentemente o rio encontra-se muito mais desassombrado quanto a esse aspecto de limpeza, porém, em nítido contraste, todos os restantes obstáculos contra os quais os agricultores reclamaram continuam na mesma.

Agrava-se assim no nosso Povo o mau conceito que já se vinha fazendo quanto ao interesse que dispensam ou quanto ao respeito que são capazes de impôr as autoridades responsáveis pelo rio de Paramos.

Já fizemos sentir a um funcionário da Hidráulica que os problemas do rio de Paramos não podem ficar com meias soluções e pedimos mesmo que fizesse sentir aos superiores respectivos que o Povo de Paramos exige soluções que correspondam na íntegra às actuais necessidades. Agora e desta forma, convictos de que o nosso apelo chegará directamente ao conhecimento de quem pode e deve, pedimos que solucionem devidamente e com a oportunidade necessária este assunto.

POLUIÇÃO

Segundo informações que obtivemos, estão a ser tomadas providências para a solução deste grave e infelizmente generalizado problema da poluição das águas.

Entretanto, continuamos a assistir ao mesmo desolador e perigoso estado das águas do nosso rio, se bem que persistindo os perigos e prejuízos são nesta ocasião menos graves, dado que é ultrapassada a época de veraneio e de calor.

Contudo, isso não deve constituir razão para que o caso deixe de ser solucionado sem demora e muito menos para que, entretanto, se evite esgotar para o rio tudo o que possa ser prejudicial.

Porém, dia a dia o estado das águas correntes deste rio fazem despertar a curiosidade de quem as olha e lembrar a triste realidade do que se passa.

Ainda na passada quarta-feira, cerca das 5 horas, um extenso lençol de óleo queimado cobria as águas do rio, o que me fez seguir até ao ponto da sua proveniência. Saíam esses detritos dos regos de esgoto do G. A. C. 3. Naturalmente

Oitavo — Dissolvendo-se a sociedade, abrir-se-á licitação entre os sócios, sendo adjudicando o património social, com todo o seu activo e passivo, ao que mais oferecer por ele.

O produto obtido será dividido pelos sócios na proporção das suas quotas.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 6 de Novembro de 1974.

O Ajudante do Cartório,

(José dos Santos Sil)

devemos admitir que algum militar tenha entendido fazer desaparecer daquela forma o óleo queimado desnecessário, sem qualquer noção dos inconvenientes que isso ocasionava. Estamos também certos que dado, como foi, o conhecimento ao respectivo oficial de dia, este terá providenciado da melhor forma para que futuramente tais casos sejam evitados, aliás, isso mesmo nos foi dito, de resto, sabemos e cumpre-nos também e já deixar o nosso testemunho de que o G. A. C. A. 3 tem sido inexecutível na ajuda para a melhor solução de todos os problemas que lhe vêm sendo postos.

TERRENOS DA FREGUESIA

A Junta de Freguesia pretendeu e muito bem expôr à apreciação e deliberação de um plenário o caso de uma possível troca ou venda de terrenos que a freguesia possui, anexos aos do quartel do G. A. C. A. 3.

Tal plenário realizou-se no passado domingo, pelas 10,30 horas, nas instalações da Banda, com a presença de perto de uma centena de pessoas para as 1.500 válidas residentes nesta freguesia.

Depois de acusada a população de desinteresse pelos assuntos da freguesia, concluiu-se que afinal a convocação, unicamente feita através das missas, embora sendo talvez a que mais resulta, foi insuficiente para avisar todo o Povo interessado.

Considerou-se também que o número de pessoas presentes se devia julgar bastante animador, tendo em conta que o Povo desta como doutras localidades está habituado a viver afastado da resolução dos problemas da freguesia, os quais tem vindo a ser deliberados por dois ou três ou, na melhor das hipóteses, meia dúzia de indivíduos, como consequência da maquinação fascista ainda não totalmente desmantelada.

Porém, porque Paramos pretende ver modificados certos processos de resoluções de tanta importância para a freguesia, foi sugerido e aceite pela Assembleia presente que o assunto continue a ser discutido numa nova Assembleia marcada para o mesmo local e para as 10 horas da manhã do próximo domingo, dia 17 do corrente, a qual conforme ficou assente deve ser convocada por todas as formas possíveis, inclusive através de avisos-editais.

Desta forma convidamos todos os Paramenses a participar na referida Assembleia, pois só dessa forma as resoluções que vierem a ser tomadas merecerão a maior aceitação e evitarão erros de consequências irremediáveis, cometidos na maioria das vezes por falta de conveniente e ampla discussão.

Referimos que o convite que, aliás, seria feito, corresponde ao apelo de um membro da actual Junta de Freguesia ao correspondente da Defesa de Espinho. Afinal isto por cá também vai melhorando comparando que para a Assembleia realizada o correspondente da Defesa só praticamente à última hora e através de um amigo, que também só nessa ocasião o soube, teve conhecimento da sua realização.

Domingos Monteiro

**COSTUREIRA DE ALFAIATE**

**PRECISA-SE**

**Alfaiataria Príncipe Real**

Rua 14 e 15 — ESPINHO

# NOTÍCIAS DA CIDADE

## Agenda

### MAIS UMA «COMPANHA» EM ESPINHO

Conforme escritura que foi lavrada em 5 deste mês Espinho vai ter mais uma «companha» de pesca. Dezanove sócios a compõem e vão pô-la em funcionamento em Paramos. O nome desta nova empresa da pesca na nossa costa tem o nome de «Sociedade de Pesca de S. João de Paramos, Lda.». Oxalá só conheça bons resultados para que nos não falte pescado fresco e a bom preço, ao mesmo tempo garantindo o pão diário às famílias dos seus trabalhadores.

### ACIDENTE DE TRÂNSITO

No passado sábado, quinze minutos depois da segunda hora da madrugada houve um embate na rua 33, em Anta. Máquinas desavindas: uma bicicleta motorizada com a chapa de matrícula 1-ESP-02-58 e um automóvel ligeiro de passageiros com a identificação MR-91-95. Seus condutores, respectivamente: António Rodrigues Pinto, tanoeiro, 44 anos, residente em Souto, Silvalde, e Joaquim de Oliveira Domingos, funcionário da NATO, 30 anos, residente na rua 33, Vila Maria, Anta. Consequências: danos nos dois veículos e ligeiros ferimentos no ciclista.

### NOVO HORÁRIO DA TESOURARIA DA FAZENDA PÚBLICA

Desde a passada segunda-feira, 11 de Novembro, a Tesouraria da Fazenda Pública passou a funcionar com observação de um novo horário que é de todo o interesse entrar no conhecimento dos contribuintes. A alteração diz apenas respeito à hora do encerramento diário dos serviços, que passará a verificar-se às 16 horas de segunda-feira a sexta-feira e às 12 horas aos sábados.

### CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

Doutor António Pinto Correia de Matos, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara, em sua reunião ordinária de 7 do corrente mês, deliberou abrir sexto concurso para entrega de propostas nos termos das condições existentes na Secretaria Municipal e que se encontram patentes aos interessados todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente, para exploração de três montras existentes na passagem inferior ao Caminho de Ferro, na Rua 19, em Espinho, até 31 de Maio de 1975.

As propostas terão de ser entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 28 do corrente mês, em envelope fechado e lacrado, com a indicação do concurso a que se destinam, sendo abertas na primeira reunião ordinária que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado no jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 7 de Novembro de 1974.

O Presidente da Comissão Administrativa

Pinto de Matos

### Técnico de contas

Executa, organiza e mecaniza escritas do Grupo A ou B com a colaboração de economista

Carta à administração n.º 63

### SERÁ FALTA DE CHÁ?

Um agente da PSP teve que entrar no snack-bar do Casino no passado domingo a fim de pôr termo a uma evidente demonstração do que é não ter bebido chá em pequeno. Um comerciante que mora no Porto, na Rua das Antas, n.º 26, é casado e foi registado na Conservatória como sendo Américo da Silva Ribeiro, nascido em 2 de Agosto de 1930, decidiu assumir várias atitudes incorrectas no citado local, reforçando a sua sede de infusão com proferir variadíssimas obscenidades. Sem olhar às pessoas presentes, entre as quais várias senhoras, nem sequer se calando após a chegada do agente da autoridade. E por isso foi presente ao Tribunal de Espinho.

### GOLF NA MARINHA DE SILVALDE

Os 18 buracos do campo de golf da Marinha animam-se mais uma vez entre Outubro e Junho. O Oporto Golf Club (que nunca mais muda de nome como deveria ter acontecido há muito tempo) elaborou mais um calendário de torneios para a época de 1974-75. As provas programadas desenrolam-se desde 19 de Outubro passado até 22 de Junho de 1975.

### RADIOMANIA

A paixão da rádio manifesta-se de vários modos. O transistorzinho egoísta com alti-falante auricular só para um. O aparelho estereofónico em ambiente de luxo. O rádio utilitário de guelas abertas para todos os vizinhos até para os surdos. Um milhão de variedades. E até os que não podem ver aparelhos nas montras dos estabelecimentos vendedores. Desta categoria o cavalheiro ou cavalheiros que partiram as vitrines da casa de Artur Pinto Ferreira na Rua 18, n.º 644 e de lá levaram aparelhos de rádio e outros objectos em exposição.

### CONTAS DAS FESTAS DA SRA. DA AJUDA

Do Centro de Assistência Social de Espinho, recebemos a carta que transcrevemos:

Tendo sido entregue a este Centro de Assistência a organização das festas em honra de Nossa Senhora da Ajuda, cuja efectivação, como no ano anterior, só foi possível com a colaboração de um grupo de Amigos desta Instituição, venho, para conhecimento do público em geral, dar nota das contas:

Receita	
Terrado . . . . .	55 710\$00
Peditório . . . . .	46 520\$00
Subsídio da C. de Festas da Comissão M. de turismo . . . . .	80 000\$00
	182 230\$00

### Despesa

Bandas de Música, Ornamentações, Fogo e diversos . . . . .	156 085\$40
Saldo . . . . .	26 144\$60

Estas contas encontram-se no Gabinete deste Centro de Assistência, para consulta de quem o pretender.

Em nome da Direcção do CASE não posso deixar de expressar o meu maior reconhecimento e agradecimento aos Exmos Senhores Fernando Montelero de Meneses, Delfim Ribeiro, Silvino Fidalgo, Manuel Alves Pereira e a todos que de qualquer forma contribuíram para o êxito dos referidos festejos.

Com os meus melhores cumprimentos, me subscrevo,

(José de Almeida)  
(Secretário)

### DO HOSPITAL

Movimento de 5/11/74 a 12/11/74

Internamentos Gerais	63
Exames Radiográficos	130
Crianças Nascidas	22
Intervenções Cirúrgicas	
Urologia	2
Ortopedia	2
Oftalmologia	1
Cirurgia Geral	13
Serviço de Urgência	
Homens	242
Mulheres	214

### Internados Entre Outros

Luz Ferreira Gaio, para Cirurgia, de Espinho;  
Elisa Pinto de Jesus, para Medicina, de Espinho.

### CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 7 de Novembro de 1974, lavrada de folhas 141 verso a 142 verso do livro de notas para escrituras diversas A-Número 38, deste cartório notarial de Espinho, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas «PRAIACAR — SOCIEDADE COMERCIAL DE AUTÓMOVEIS, LIMITADA», com sede e estabelecimento em Espinho, Avenida Vinte e Quatro, números 763 e 771-3.º.

Que a dissolvida sociedade não possui bens no seu activo, não havendo lugar a partilha e igualmente não tem passivo, dando-se por liquidada.

E que as contas foram aprovadas em 31 de Dezembro de 1973.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 8 de Novembro de 1974.

O Ajudante do Cartório  
(José dos Santos Sil)

### FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 16 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.  
Amanhã, domingo, 17 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.  
Segunda-feira, 18 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.  
Terça-feira, 19 — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.  
Quarta-feira, 20 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.  
Quinta-feira, 21 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.  
Sexta-feira, 22 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

### CINEMAS

#### S. PEDRO

Hoje, sábado, 16 — DERAM-LHE UMA METRALHADORA, com Fabian Forte e Jocelyn Lane — 18 anos.

Amanhã, domingo, 17 e segunda-feira, 18 — A GOLPADA, com Paul Newman e Robert Redford — 13 anos.

Quinta-feira, 21 — VIAGEM ENTRE MULHERES, com Sylva Koscina e Maurice Ronet — 18 anos.

Sexta-feira, 22 — O ÚLTIMO RESGATE, com Kim Darby e Scott Wilson — 18 anos.

#### CASINO

Hoje, sábado, 16 e amanhã, domingo, 17 — LUTA SEM TRÉGUAS, com Anthony Quinn e Frederico Forrest — 18 anos.

Segunda-feira, 18 — TARZAN E OS PIRATAS, com Fteze Hawkef e Ketty Fwan — 10 anos.

Terça-feira, 19 e Quarta-feira, 20 — MALTESES, BURGUESES E AS VEZES, com Yola e Nicolau Breyner — 18 anos.

### NOTÍCIAS PESSOAIS

#### CASAMENTOS

##### Em Espinho:

Valentim da Costa e Castro com D. Maria Angela da Cunha e Costa Alves Castro.

##### Em Silvalde:

Américo de Sá Barge com D. Maria Joaquina de Oliveira Barge.

##### Em Fátima:

António Júlio Aires com D. Maria Luísa Preença Antunes de Aires.

#### NASCIMENTOS

##### Em Espinho:

Cláudia Maria, filha de Fernando Soares de Oliveira e Ana Gonçalves Torres de Oliveira.

#### FALECIMENTOS

##### Em Espinho:

Arminda da Silva, de 81 anos, viúva, de José Gomes da Silva Barra Júnior; Domingos de Sousa Ferreira, de 73 anos, casado com D. Maria Arminda Assis Ferreira;

Guilhermina Alves Maia, de 65 anos, solteira;

David Rodrigues, de 60 anos, casado com D. Norma Ramos de Andrade;

Gracinda da Rocha Canelas, de 66 anos, solteira;

Maria de Assunção, de 61 anos, casada com Joaquim Pereira de Sousa.

##### Em Silvalde:

Amélia de Jesus, de 72 anos, viúva de Alberto de Oliveira Gomes;

Laura Correia de Angra, de 80 anos, solteira.

##### Em Guetim:

Glória Maria Azevedo Maia, de 2 anos, filha de António Alves Maia e de Deolinda Espírito Santo Azevedo.

### AGRADECIMENTO



CARLOS MARQUES CARVALHAS

FALECEU

Maria Pereira Carvalhas, Maria Emília Pereira Carvalhas Braz e seu marido Joaquim Rafael Pombeiro Braz e filha Paula Cristina Carvalhas Braz e mais família participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento, em 3-11-74, de seu estremoso marido, pai, sogro, avô e parente.

## FIM DE SEMANA • 77

## RASCUNHOS

Já lá vão uns anitos largos. O mundo estava em fogo e as forças anti-eixo davam os primeiros e decisivos passos para a vitória.

Eu acabara o curso dos liceus e fora fazer um «estágio» em Coimbra. «Estágio» que hoje lamento mas sem que as orelhas vertam sangue. «Estágio» que terá talvez sido provocado por cinco anos de «prisão» num colégio como interno. Sentia-me livre de vigilância, tinha as portas abertas a meu belo prazer, respirava um ar livre que desconhecia durante cinco intermináveis anos da minha adolescência.

Depois de um entusiasmo infantil pelos futebois, deixara totalmente de me preocupar com os campeonatos. Eu queria lá saber se o Benfica tinha perdido, se o Sporting empatara ou se o Porto não se aguentara no balanço e não marcara pontos para a classificação. E ria-me de um colega de «prisão» que sabia tudo de futebol. Era uma autêntica enciclopédia na matéria. Quem quisesse saber o resultado feito no encontro entre o Arrentela e a reserva do Belenenses num qualquer recuado dia X era só perguntar-lhe. Os números vinham imediatamente e com uma exactidão notável. Havia dúvidas sobre quem marcara o último golo do jogo do Campeonato do ano Y entre o Olhanense e o Salgueiros. Mais rápido

que o mais perfeito computador de hoje ele dissipava a dúvida. E por aí fora, num prodígio de memória autêntico mas difícil de acreditar mesmo diante da realidade.

O que mais me interessava, além da leitura em que me viciava desde que conseguia silabar as primeiras letras, era o cinema. Se mais vezes me não fechava nas salas escuras a culpa era dos bolsos onde havia só cotão, cujo padrão ouro não permitia adquirir bilhetes de ingresso nas casas de espectáculo.

Um belo domingo, quente de sol, não podia ir ao cinema porque os filmes em exibição em Coimbra já os havia visto e me não tinham merecido uma segunda visão. Não tinha que fazer. Mas havia um União-Académica e resolvi deixar-me ir na onda. Acabado o jogo, eu que nunca gostara de cerveja, resolvi ir beber uma à fábrica, na margem do Mondego. Duas decisões diabólicas, porque ganhei um forte gosto pelo futebol e pela bebida loira. Do futebol já me livre; da cerveja é que não. Mas nem por isso deixei de ganhar direito a um distintivo de 25 anos de sócio do Sporting de Espinho e nunca poderei dizer muito altaneiro que o vício da bola me não volte. Sabe-se lá o que o futuro nos reserva!

C. P. M.

O Decreto-Lei 445/74, de 12/9/74, veio tentar uma solução de emergência para os problemas das rendas de habitações, com vista a evitar a especulação e a deter a inflação.

Deste diploma resulta um benefício de repercussão a médio ou longo prazo — o que vem da supressão das avaliações fiscais quinquenais para actualização do rendimento colectável dos fogos; isto significa o congelamento das rendas — efeito que, aliás, não se representa nas cidades de Lisboa e Porto, onde tais avaliações não eram consentidas já.

É resulta ainda, de imediato, mas só de imediato, afigura-se-nos uma (aparente) medida anti-inflacionista no que respeita a rendas.

O que, porém, temos de considerar é que as vantagens que vem deste diploma, à parte a citada em primeiro lugar, são mais aparentes do que reais.

O congelamento das rendas, que praticamente já existia em Lisboa e Porto, terá como efeito que os arrendatários, por mal instalados que estejam, manter-se-ão nas suas habitações, pois não haverá outras para melhor preço.

Quando os fogos vaguem, casualmente, terão de ser postos no mercado do arrendamento ou pela mesma renda (se os arrendamentos cessantes eram posteriores a 31/12/1970), ou por nova renda igual à antiga multiplicada por um factor fixado na lei conforme o ano do arrendamento, que vai desde 92,6 para os arrendamentos de 1900 até 1,07 para os de 1970.

Pode o proprietário do fogo, no entanto, fazer obras que beneficiem de modo notável o fogo desocupado, solicitando então a avaliação à Câmara Municipal para fixação da renda sem se atender, neste caso, inteiramente, ao limite de actualização fixado na lei.

Tais obras, evidentemente, não serão aquelas obras de calação, pintura e limpeza normais quando uma habitação vaga; serão obras que a tornem mais cômoda, como, por exemplo substituir uma simples sanita por quarto de banho completo, dotá-la de maior número de divisões, acrescentar-lhe um terraço, pôr persianas, etc.

Sabe-se que nos grandes centros populacionais, que a lei tem fundamentalmente em vista, não há fogos livres para habitação; normalmente, quando um prédio é construído, antes de concluída a habitação já estão todos os lugares arrendados; verificar-se-á que, se para os detentores de arrendamentos antigos a lei traz benefícios, não aproveita aos que procuram habitação — e que são cada vez em maior número, pela afluência da população a centros de progressivo potencial comercial e industrial — quer dos que ali se fixaram a trabalhar, quer do funcionalismo privado e público para ali transferido pelo aumento de quadros; por outro lado há as famílias recém-constituídas, que formam lar; e vai sentir-se uma procura cada vez maior com o regresso de portugueses que não se conformam em continuar nas colónias à medida que forem obtendo a independência ou de funcionários públicos, ou de empregados de empresas que não possam de facto ali continuar por força da própria independência desses territórios.

Quer dizer: enquanto a procura de fogos aumenta, vai diminuindo a oferta: por um lado, e pelo já exposto, dificilmente os actuais arrendatários se deslocarão, a não ser quando forçados por imperativos da sua vida; por outro lado os capitalistas, de momento, vão deixar de investir (erradamente, como se exporá) na construção com receio da falta de rendimento dos seus capitais.

Que se virá a passar, a muito breve prazo, então?

Pelo mesmo decreto-lei, para as construções novas, os proprietários dispõem de quatro meses, após a licença de utilização (antes chamada de habitabilidade), para as terem em mercado livre, fixando a renda conforme o diálogo oferta-procura; no fim desse tempo, ou pedem às Câmaras Municipais a avaliação dos fogos para fixação do preço máximo de renda, e entram com esses preços no mercado oficial de arrendamento, ou sujeitam-se a pagar 25 por cento da contribuição predial, segundo o rendimento co-

lectável fixado pelas Finanças; neste último caso, ao fim de 90 dias a incidência de contribuição passará a 40 por cento, se não vierem pedir a avaliação à Câmara Municipal.

Ora, na carência actual de habitações, os quatro meses chegam e sobram para os proprietários de fogos recém-construídos os arrendarem pelo preço que quiserem, preço que vão agravar tendo em vista a dificuldade de o actualizar futuramente, e valer-lhes-á a pena suportar o agravamento da contribuição, se os não arrendarem nos 120 dias iniciais, pois nos 90 dias imediatos, arrendá-los-ão concertadamente... e por preço que dê para compensar os 90 dias de contribuição agravada.

Como a construção vai diminuir, a quantidade de fogos à oferta vai decrescer, o que facilitará a especulação da renda nos que sejam postos à oferta.

Os arrendatários potenciais, nestes primeiros tempos ainda têm ilusões e correm às Câmaras Municipais ver quais as casas em oferta por rendas congeladas ou oficialmente actualizadas; mas de pressa se desiludem. As que há ou são de renda já elevada, ou não servem para ninguém. No Porto, sei de quem correu 30 e tal fogos manifestados, sem nada encontrar: ou casarões velhos a cair, ou moradias fechadas sem ninguém que as mostre, ou a afirmação de que já estavam alugadas, etc.; em Matosinhos havia apenas manifestado, para todo o concelho, um casarão que ninguém quer por 800\$00 e um andar por... 4 200\$00!

É evidente que o remédio é aproveitar mesmo os fogos em prédios recém-construídos no período de livre oferta e pela renda que o proprietário quiser.

De um sei que pós anúncio e para um fogo apareceram-lhe perto de 30 candidatos; logo o arrendou, viu a inoperância da lei, e correu ao seu arquitecto a recomendar projecto para outro prédio, embora para habitação mais económica, mais de tipo social, e menos do tipo de habitação burguesa, e esfrega as mãos de contente.

Mesmo que os proprietários, que não logrem arrendar os fogos nos 120 dias após a licença de utilização (e duvido que os haja...), vão requerer às Câmaras a avaliação, ninguém se fie em que as comissões de avaliação (que são as das Finanças) vão fixar rendas de 10 reis de mel coado, pois a própria lei lhes impõe os factores a atender — custo de edificação, localização, etc. Pode a renda fixada não ser a que o proprietário ambicionava, mas não há-de ficar longe...

E há que ter em conta, para os fogos que vaguem, as artimanhas dos senhorios para iludir a lei, que são reflexo de poderosas imaginações — e muito ensinam aos advogados; sei já de muitos que não revelo, por não poder apoiar qualquer fraude à lei, mormente de fim político-social-económico, como esta, e porque não é preciso ensinar o padre-nosso ao vigário...

O decreto lei 445/74 — que, como das suas disposições se conclui, ignorou o problema da habitação e construção nos meios rurais — só por si, é quase inoperante; necessita do apoio de um conjunto de outras leis, de outras iniciativas para se tornar profícuo.

Mas continuaremos o assunto.

Vasco Luis

## Bombeiros V. Espinhenses

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral Ordinária nas nossas instalações, no dia 20 de Novembro de 1974, pelas 21 horas, com a seguinte

## ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Leitura da acta da última Assembleia
- 2.º Aprovação do 1.º Orçamento Suplementar para 1974.
- 3.º Aprovação do Orçamento Ordinário para 1975.
- 4.º Decidir se devemos ou não continuar a ter afixados, na Sala do Material, as duas placas que assinalam a passagem de dois ex-ministros do regime anterior.

Espinho, 1 de Novembro de 1974.

O Vice-Presidente  
Francisco Gomes de Castro

Se à hora marcada não estiver o maior número de Sócios, a Assembleia funcionará 1 hora depois com qualquer número de presenças.

## VENDEM-SE ANDARES

Um em cada piso, com 4 quartos, sala comum, 2 banhos, cozinha e garagem na Rua 33 e 26

Informa Rua 21 n.º 227 — ESPINHO

## GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

## ● MUSICA DE BAILE ●

- PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS  
(Quinteto italiano)  
— JOSÉ QUELHAS  
— PROMOTION MUSICAL 6

## ● VARIEDADES ●

- Ballet — BORIS BOURER  
● MARIA MORENO — Show (Holandez)  
— THE BEL-MER & ROSA (Acrobatas Ingleses)  
— RONDAT & JEANNE (Fantasistas Ingleses)  
— MARIA DO ESPÍRITO SANTO (Cançonetista Portuguesa)

## ● SALÃO DE FESTAS ●

Sábado, 16 de Novembro de 1974 — Às 16 horas

GRANDIOSA TARDE INFANTIL

ESTE ESPECTÁCULO É DEDICADO ÀS CRIANÇAS DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS MASCULINAS E FEMININAS DE GUETIM E PARAMOS

Palhaços — Ilusionistas — Canções

# O anticomunismo mais que preconceito uma injustiça

(Continuação da página 1)

mantém hoje os esquemas de repressão fascista; e a liquidação das sequelas tenebrosas do fascismo tem de passar urgentemente pelo desaparecimento do sentimento anticomunista.

O anticomunismo torna-se mais que um preconceito inoculado no povo, é uma situação de injustiça para com homens e mulheres que julgam que a luta por uma sociedade livre de alienações é a razão da sua vida.

Quer se queira quer não, o comunismo continua a ser para milhões de pessoas, o movimento libertador e aliança que milhões de pobres ponham nele a sua esperança. Só isto devia provocar em todos um respeito pela sua acção, embora não acarrete necessariamente uma adesão. Ser anticomunista por ideologia ou por tática política é sempre um erro e uma injustiça, sobretudo, quando, escribas apressados ou dirigentes políticos oportunistas, procuram estabelecer um paralelo entre comunismo e fascismo. Assimilá-los, além de ser um juízo sumário, é uma profunda injustiça e não admira que os comunistas convictos sintam no seu íntimo, mais que uma agressão, um insulto abominável porque toca as raízes do seu combate revolucionário.

Para muitos não-comunistas, a abnegação dos militantes comunistas é um exemplo a seguir e não consentirão que falsas razões de oportunismo eleitoral continuem a manter no povo sentimentos de aversão e de desconfiança por portugueses que julgam ser o comunismo um instrumento de libertação e de dignidade. A sua posição é ao lado dos que desejam a revolução e se não contentam com reformas parcelares e ineficazes que mais asseguram a manutenção da opressão capitalista, renovada embora em moldes aparentemente mais humanos.

Um dos principais responsáveis do anticomunismo foi uma certa apologética cristã. Para a maioria dos cristãos portugueses, o cristianismo é o anticomunismo por excelência e nem sequer pensam que desvirtuam Cristo ao apresentá-lo como um anti-Marx. Nunca foi possível, antes, travar uma luta ideológica porque esta se reduziu sempre a uma repressão policial. E os cristãos portugueses, com raras excepções, não souberam defender o direito de os comunistas serem comunistas. E a liberdade cerceada a um aparece amanhã cortada àquele que, dias antes, não ousou defendê-la em todas as frentes. O combate pela liberdade é total; uma violação aqui sugere um corte noutra. Ao mesmo tempo, o combate contra o comunismo que ordinariamente se processava antes do 25 de Abril não conseguia camuflar a defesa dos interesses criados. E o anticomunismo mais parecia a defesa dos cofres fortes que a proposição de outro modelo de sociedade mais justa; não é de batalhas que o mundo precisa, mas de projectos a erguer.

No afã da denúncia, os cristãos esqueceram que existiu sempre maior e mais profunda contradição entre o cristianismo e o capitalismo («Não podeis servir a dois senhores, a Deus e o Mammona») do que entre cristianismo e comunismo. O comunismo no seu marxismo de base, é um sistema muito complexo. Se os cristãos podem fazer reservas — e nem todos o fazem — ao materialismo dialéctico, já a doutrina social e eco-

nómica marxistas obtêm adesões entusiasmadas e exerce enorme fascínio. A atitude perante o comunismo não deve ser simplesmente negativa, porque não tem interesses a defender. O cristão não pode ver no cristianismo uma barreira; é fazer-lhe perder todo o ímpeto revolucionário, que foi uma constante do cristianismo enquanto não se tornou historicamente, por vezes, um suporte da desordem de injustiça estabelecida. Alinhar num anticomunismo é entrar nas forças de defesa dos muros do dinheiro e do que este significa como exploração e tirania. O primeiro inimigo, se se pode utilizar esta linguagem é o capitalismo e neste ponto, na luta contra a cidadela da opressão, deve ombrear com todas as forças progressistas e libertadoras e «o regresso a um cristianismo mais autêntico contribuiria para destruir as próprias bases do capitalismo, em que a religião, deixando de ser o «ópio do povo», contribuiria para a sua libertação» (Maurice Duverger).

Mais do que ninguém o cristão não deve enfileirar nem engrossar as hostes que o medo da transformação da sociedade momentaneamente congrega. Estamos num país onde é possível ensaiar uma coexistência pacífica, em que na obra comum talvez seja possível trabalhar. Mas o empenhamento na construção de uma nova sociedade portuguesa, não se faz pelo esquecimento das opções que cada faz. Pelo contrário, julgamos que a colaboração só pode surgir da afirmação intransigente da mundivivência pessoal sem exclusivismos e sem anátemas. A ausência de luta anticomunista que não tem qualquer significado, supõe que a coexistência política pode ser realizada na confrontação leal de ideias e de projectos sociais. Descobrir e manifestar o que nos separa pode ser o mais intenso estímulo para realizar o que nos une. Talvez o caminho certo seja a cooperação que, sem cruzadas e armistícios, se procure na acção a praticar partindo de horizontes diferentes, nascida de divergências de análise. Na nossa sociedade, a divergência não se pode reduzir pela força nem absorção; nenhum dos campos que se extremam ideologicamente, deve perder energias no afã da conversão mútua; a discussão de ideias e diálogo franco e aberto tem de substituir a luta de preconceitos e assim estabelecer-se um pluralismo na vida social em que a tolerância seja realmente a atitude da força do cidadão legitimamente empenhado em criar estruturas de liberdade e formas novas de vida, em que seja possível criar soluções para os grandes problemas do homem para além das contradições das diferentes maneiras de o ser.

(Do «Jornal do Fundão»)

## José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

**Doenças dos ossos e Articulações**  
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

## Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

**Consultórios:** Rua 20 n.º 500-1.º  
Telefone 921014 — ESPINHO  
Rua Santa Catarina n.º 778-1.º  
Telefone 33868 — PORTO

## Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo  
Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.  
**RETOMOU A CLÍNICA**  
Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218  
ESPINHO

# ECOS DO NOSSO TEMPO

## PORNOGRAFIA E DEPOIS

Os cartazes dos cinemas da capital, as bancas de jornais e revistas, estão carregadas de imagens pornográficas que alarmam até o cidadão menos puritano.

Esse alarme não resulta do facto da nudez se andar a espalhar pelas esquinas, copiosamente. Acreditamos mesmo, que numa primeira «leitura» essas doses torrenciais possam parecer perfeitamente inofensivas. O pior é que depois nos pomos a pensar no muito que as massas populares precisam de ver e de saber, e ficamos seriamente preocupados com o partido que os agentes da reacção podem (e vão) tirar dessa «avalancha».

Antes do 25 de Abril, as massas populares deste país dispunham de uma informação sistematicamente deturpada, de uma cultura neutralizada nos seus aspectos essenciais, adulterada nas suas bases e fundamentos. Hoje que precisam, urgentemente, de se informar, recebem paralelamente a uma informação que se pretende rigorosa e actual, «estímulos», que as desviarão dos problemas vitais.

O povo português precisa de ser mobilizado para muitas coisas essenciais. A pornografia não é, seguramente, uma delas. É palavra de honra que não somos puritanos!

J. J. L.

(In «D. L.»)

## A IGREJA CATÓLICA É UMA FORÇA POSITIVA NA POLÓNIA

WASHINGTON, 7 — Eduardo Gierek primeiro-secretário do «Comité» Central do Partido Comunista Polaco, está desde ontem, em Washington.

A sua estadia oficial começa amanhã, dia em que será recebido pelo presidente Gerald Ford, para conversações acerca do desenvolvimento das relações bilaterais entre a Polónia e os Estados Unidos.

Gierek deu, entretanto, uma entrevista ao semanário «Time», em que declara que a Igreja Católica representa uma «força substancial positiva», na Polónia. «É um facto admitido pelo nosso Governo — afirma — que a Igreja é uma força substancial nesta nação, que pode contribuir para conservar os valores morais e as virtudes comuns ao povo, independentemente das suas crenças».

Pode-se ser «um bom católico, como a maior parte dos polacos são, e, ao mesmo tempo, participar activamente na construção de uma sociedade socialista» — sublinhou Gierek, na sua entrevista, em que também se declarou partidário dos intercâmbios de pessoas, ideias e informações.

«Não temos razão nenhuma para reear, seja quem for vindo do Ocidente, excepto, talvez, certas coisas que pensamos que estão erradas, coisas de natureza moral como a droga».

O «Streaking» — indicou — também não é desejável na Polónia. — F. P.

(De «O Comércio do Porto»)

## É TEMPO DA IGREJA FAZER UM INVENTÁRIO DOS ERROS COMETIDOS —

### — afirmou o arcebispo D. Hélder da Câmara

VATICANO, 9 (F. P.) — «De certa maneira demos razão a Marx, oferecendo aos oprimidos, quer dos países pobres quer dos países ricos, um ópio ao povo» — declara o arcebispo brasileiro mons. Hélder da Câmara no seu relatório secreto ao Sinodo, intitulado «Libertação Humana e Evangelização», relatório de que fontes brasileiras em Roma revelaram o essencial.

Aludindo sobretudo à América Latina, mons. Hélder da Câmara diz em dada altura que «estávamos tão preocupados (e ainda estamos em parte) com a manutenção da autoridade e da ordem social, que não éramos capazes de descobrir que a assim chamada «ordem social» era sobretudo uma desordem estratificada. Apresentávamos, assim, uma visão demasiado passiva do cristianismo, e de uma certa maneira demos prazo a Marx...».

Sem de modo algum assumir o papel dos Governos, dos partidos políticos ou dos técnicos, continua o relatório, «a Igreja tem o direito e o dever de se preocupar com a libertação humana. A Igreja tem uma dívida a pagar: como permitimos que uma minoria mínima, pelo menos de nome e origem cristã, oferecesse o absurdo de mais de dois terços da humanidade serem mantidos numa situação sub-humana, quando o dinheiro da corrida aos armamentos bastará para permitir um nível humano a toda a humanidade».

O arcebispo de Olinda e Recife prossegue: «Desvios e perigos, existem por todo o lado. Sem correr riscos nada se faz. É tempo para a Igreja fazer o inventário dos erros cometidos em consequência de imprudências, e o inventário do grande peso dos pecados de omissão, consequência de uma má prudência da carne e do espírito.»

Aceita que haja para a Igreja o «perigo de ser interpretada como política subversiva» mas é «mais do que tempo para a Igreja não reear a acusação política na medida em que verdadeiramente a política permaneça sinónimo do bem comum».

(De «República»)

## DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

## Oferece serviços

TÉCNICO DE CONTAS

Manuel Rodrigues da Silva

Portaria n.º 21.247 de 23/4/1965

Avenida da Praia — Apartado n.º 5

ESMORIZ

# GENTIL GOMES DA COSTA

**PROPRIEDADES  
COMPRA • VENDA**

Rua Fernandes Tomás, 664  
Telefs. 380834 · 311991 · 381032  
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

## Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA  
COMERCIO NA RUA 24 N.º 1001  
E 1011. TELEFONE N.º 921418

## Passa-se

Estabelecimento, de mercearia e  
vinhos, na Rua 4 n.º 1478 junto à  
Capela S. Pedro, por motivo de  
retirada para o estrangeiro

## MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

d.  
**VITORINO LOPES DA CRUZ**

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

## CASA LUCIANA *Boutique*

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»  
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,  
Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

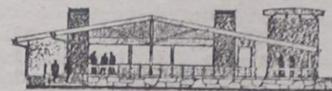
ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

**OLIFEX**

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569



Restaurante  
Snack — Discoteca

**CABANA**

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-  
cial para Baptizados, Casamentos e  
Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso  
do pessoal

9	9
2	2
1	1
3	9
2	6
2	6

## TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE  
\* \* \* \*

Todos os quartos com banho  
Todas las habitaciones con baño  
Toutes les chambres avec salle de bain  
Every room with bath

**RESTAURANTE**

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS  
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO  
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS  
FEIJOADA A BRASILEIRA



**GIRASSOL**

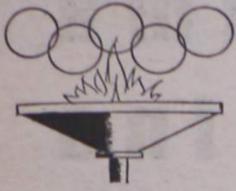
RUA SA DA BANDEIRA, 133  
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL



Quando vir este símbolo  
então saberá que pode  
contar com um Serviço  
Bancário completo.



**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**  
onde cada um conta mais do que a sua conta



# desporto



## Prossegue o programa comemorativo do 60.º aniversário do Sporting C. de Espinho

Sábado, dia 9 de Novembro, às 11 horas, Mário Valente procedeu ao hasteamento da bandeira do S. C. E. e assim inaugurou o ciclo de cerimónias integradas no programa comemorativo do 60.º aniversário do clube espinhense.

Na tarde do mesmo dia abriu ao público a exposição fotográfica «Desporto Revelado» e à noite o Salão da Piscina animou-se com um baile e variedades. Estava cumprido o primeiro dia comemorativo dos 60 anos do Sporting.

Na manhã do dia seguinte foi a vez da Pesca se associar ao aniversário, enquanto que na Igreja Matriz se rezava missa em memória de sócios falecidos. Seguiu-se a romagem ao Cemitério, onde foram recordadas quatro distintas figuras do Clube: Joaquim Moreira da Costa Júnior, Silvério Vaz, Teófilo Sá e José Oliveira Soares. À tarde houve um festival desportivo no Campo da Avenida onde o passado e o futuro do futebol espinhense confraternizaram.

Dia grande foi segunda-feira, com a realização no Teatro S. Pedro da habitual Assembleia Geral comemorativa do aniversário do Sporting de Espinho.

Embora não cumprindo o horário marcado, foi uma sessão que agradou a todos quantos a ela assistiram. Começou o presidente da A. G. do clube por constituir a mesa da assembleia para logo a seguir convidar para uma mesa de honra os representantes da Câmara Municipal, Forças Armadas, Direcção G. dos Desportos, Massa Associativa, Federação P. Futebol e A. Futebol de Aveiro.

Depois foi a consagração pública do Sporting de Espinho à sua 1.ª filial, o Espinho — Viva, da Venezuela. No palco, o Dr. Gomes de Almeida saudou a nável colectividade que se fez representar por Américo Padrão. Viveram-se momentos de verdadeira amizade, não se esquecendo o presidente da Direcção de referir que quem devia ser a filial era o patrono, pois o Espinho — Viva é que tem apoiado efectivamente o Sporting de Espinho.

Em resposta, Américo Padrão, por palavras simples, mas de muita sinceridade, disse o que era o Espinho — Viva, a colectividade dos espinhenses que a viver em terras de Simão Bolívar fazem desporto, filantropia e não esquecem os valores da sua terra natal.

E após o Dr. Gomes de Almeida ter recebido valiosa lembrança dos espinhenses da Venezuela e de ter colocado no estandarte do Espinho — Viva uma fita comemorativa, outra cerimónia muito significativa teve lugar. Foram chamados ao palco três associados com mais de 50 anos de filiação clubista: Mário Valente, José

da Silva Martins e Mário Pinto de Almeida. Presentes os dois primeiros que foram distinguidos com distintivos em ouro do SCE.

Depois foi o desfile de inúmeros sócios com mais de 25 anos de filiação que receberam emblemas em prata, bem como a chamada do dedicado funcionário do clube, o conhecido massagista Joaquim da Costa, 25 anos de bons serviços, que por motivos profissionais não esteve presente para também receber o seu distintivo em prata.

A sessão solene culminou com a realização de uma «mesa-redonda» subordinada ao tema «Futebol — o ontem; o hoje; o amanhã». O moderador, Carlos Sárria, convidou para dialogar os jornalistas: Alves Teixeira (Norte Desportivo), Carlos Arsénio (Record), David Sequerra (Mundo Desportivo), Joaquim Queiroz (Comércio do Porto), Justino Lopes (Primeiro de Janeiro) e Victor Santos (Bola).

Foi pena que a hora tardia não deixasse prolongar a sessão. As intervenções daqueles jornalistas foram atentamente seguidas pela maioria da assistência.

O primeiro jornalista a intervir foi Alves Teixeira, que à questão «Que tal o futebol de ontem?» recordou o tempo de verdadeiro amadorismo, em que não havia nem distensões nem entorses e despontavam futebolistas com grande valor. A segunda intervenção foi de Vitor Santos, que começou por recordar dois homens de Espinho que foram figuras de relevo nos quadros de «A Bola»: Alberto Valente e Joaquim Moreira da Costa Júnior. Depois dissertou sobre a evolução da tática do futebol, que evoluiu em consequência do interesse crescente na procura do melhor resultado, sem deixar de frizar que essa evolução conduz à glória e à miséria.

A terceira questão foi para Justino Lopes, a quem Carlos Sárria perguntou se antigamente havia mais técnica do que no futebol de hoje. Respondeu o conhecido jornalista que era difícil a comparação entre técnicas futebolísticas separadas por épocas muito diferentes. A seguir interveio Joaquim Queiroz para se ocupar do tema campos relvados. Aproveitou a presença do médico Sousa Nunes para realçar os malefícios dos campos carecas e fez votos que o relvado no Campo da Avenida fosse uma próxima realidade.

A assembleia teve ocasião para ouvir o Dr. David Sequerra, conhecido adepto do futebol praticado pela juventude, que falou do seu optimismo no futuro do futebol português, o qual interessa aos actuais jovens e a quem reconhece mais lucidez do que àqueles que o praticavam há 10 ou 20 anos. E a terminar a primeira ronda pelos

convidados, Carlos Sárria perguntou a Carlos Arsénio se diminuiu o número dos assistentes aos jogos de futebol. Socorrendo-se de estatísticas o jornalista lisboeta demonstrou que o futebol não diminuiu na sua popularidade e que por onde se pratica a modalidade há a anotar um acréscimo médio de 10 por cento de espectadores.

Voltou de novo Alves Teixeira a intervir, desta vez, para considerar como insulto a instalação de redes à volta dos campos de futebol, embora reconheça os exauros que obrigam a tal medida. A intervenção imediata foi outra vez de Vitor Santos, a defender a massificação do desporto e a realçar a necessidade de aumentar o número de futebolistas amadores enquanto há que diminuir o de profissionais.

Justino Lopes interveio posteriormente em defesa dos árbitros, a quem tantas das vezes não se perdoa o mínimo erro e apelo para uma maior consciencialização do público perante o espectáculo. O tema a seguir referiu-se a técnicos, que Joaquim Queiroz considerou em número reduzidíssimo os de verdadeira categoria, preconizando que devem sair das escolas de educação os futuros treinadores de futebol.

E a «mesa-redonda» terminou com as segundas intervenções de David Sequerra e Carlos Arsénio, o primeiro a falar também do desporto de massas e a aconselhar um maior interesse por parte dos clubes junto das suas categorias juvenis. O segundo a declarar-se contra a ideia de que o futebol é alienante.

Foi pena que a hora tardia não tivesse permitido a participação dos associados no colóquio, terminando a sessão com as palavras do Dr. Gomes de Almeida, satisfeito com o interesse que a assembleia tinha despertado e agradecendo a presença de todos quantos assistiram àquela festa do Sporting de Espinho.

★

Entretanto o programa comemorativo prosseguiu nos passados dias 13 e 14, com jogos de voleibol (Académica-Espinho, feminino e Porto-Espinho) e andebol (Progresso-Espinho, em juvenis e D. Portugal-Espinho), realizando-se hoje, às 21,30, outra «mesa-redonda» sobre *Desporto em género*, que deve merecer o interesse dos desportistas locais.

Amanhã, domingo, às 16 horas, haverá um Festival de Ginástica e Iniciação Desportiva, no Pavilhão Joaquim Moreira da Costa Júnior, encerrando-se os festejos, segunda-feira, com um jantar de confraternização.

## Voleibol

O VOLEIBOL E O S. MARTINHO

Realizou-se no passado dia 10 (Domingo), pelas 16 horas, junto ao Pavilhão Arq.to Jerónimo Reis, um magusto organizado pela secção de voleibol da AAE. Estiveram presentes cerca de 70 pessoas, de ambos os sexos, na sua maioria atletas. Depois de comerem o respectivo caldo verde e as castanhas, seguiu-se um encontro de futebol entre todos os presentes. À noite na sede do Clube, alguns atletas deste clube cantaram algumas canções ao som da viola de Fausto Neves, terminando a festa cerca de uma hora da madrugada.

TASC

### CAMPEONATO REGIONAL DE SENIORES

A. A. Espinho, 0-Oliveirense, 3

AAE — Adriano, Monteiro, Luís, Aragão, Frausto, Melo, Correia, Beto e Santos.

Vitória fácil dos jovens de Oliveira do Douro, perante uma equipa com muita falta de treinos.

### CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

Ac. S. Mamede, 3-A. A. Espinho, 0

A. A. E. — Tucha, Mena, Dina, Nanda, Estela, Lurdes, Palmira, Fátima e Paula.

S. C. Espinho, 3-Desp. Fiães, 0

SCE — M. José; Amélia, Tibéria, Lúcia, Clara, Isabel, Mira, Alice, Matias e Fátima.

### TORNEIO INICIO DE JUNIORES

S. C. Espinho, 3-Castelo da Maia, 1

SCE — Teixeira, Azevedo, Mário Rui, Vingado, Pinto, Mimo e Soares.

### TORNEIO INICIO DE JUVENIS

S. C. Espinho, 3-Castelo da Maia, 0

A. A. Espinho, 2-Esmoriz, 3

A.A.E. — Serrano, Pinto, Paupério, Paulino, Fidalgo, Lacerda Chlco, Barra, Baptista, Antunes e Carlos Rui.

Jogo muito equilibrado e emotivo, tendo vencido a equipa com mais sorte.

### PRÓXIMOS JOGOS

16-11-1974

#### SENIORES

Madalena-AAE — 22 horas — Na Escola de Gaia.

17-11-1974

#### FEMININO

A.A.E.-S.C.E. — 9 horas — No Pavilhão da AAE.

#### Iniciados (Torneio da AAE)

16-11-74

S.C. Espinho-Esmoriz — 17 horas — no Pavilhão do SCE.

17-11-1974

AAE(B)S. Mamede—10,30 h. — No Pavilhão da AAE.

Fiães-AAE(A) — 11 horas — Em Fiães.

## COMUNICADO

Com este comunicado pretendem os Sindicatos dos Empregados de Escritório e Caixeiros de Aveiro, Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro e Sindicato dos Marceneiros do Porto, denunciar publicamente as manobras reaccionárias da Administração da Molaflex, de S. João da Madeira, particularmente de um dos seus bem pagos componentes, o Dr. Fontes, no intuito evidente de agitar e derubar as estruturas democráticas implantadas pelo glorioso Movimento das Forças Armadas na madrugada de 25 de Abril.

Resumimos a questão: Em Agosto de 1974 a Administração da Molaflex, numa medida arbitrária e despótica decide efectuar 74 despedimentos.

REAGEM os trabalhadores por intermédio da sua Comissão representativa e iniciam-se as negociações no sentido de obstar à desgraça que se abate sobre as vítimas.

No Ministério do Trabalho é alcançado o desejado acordo, pelo qual a Administração recua e cede à reintegração de 73 dos 74 despedidos. A reintegração do último trabalhador deveria ser negociada em S. João da Madeira. E é aqui que

começa a definir-se o sinistro Dr. Fontes.

Recusa a reintegração do nosso camarada Carlos Tavares, pois era dele que se tratava. Não contente, afirma que não despede imediatamente a esposa por não ter por onde se lhe pegasse e impõe aos trabalhadores, como autêntica represália à unidade por estes demonstrada, a perda de um dia de salário por mês.

Uma vez mais derrotado, procura o dr. Fontes saciar a sua vingança, verter o fel do seu despotismo.

Insinua-se na Comissão de Trabalhadores e consegue a sua divisão, utilizando os habituais e indignos processos de promoções, aumentos salariais, etc. Desta forma consegue transformar uma Comissão que, em perfeita coesão de esforços, procurava não só melhorar o bem estar dos seus representados mas também salvaguardar o normal funcionamento da empresa em ordem à melhoria dos esquemas de produção, num grupo desorganizado de que alguns dos seus elementos passaram a utilizar métodos pidescos, sacando dos companheiros e levando ao Dr. Fontes, revista de gabinetes e secretários decolaboradores da empresa, tornando-se em autênticos auxiliares da parte empregadora. Aqui fica o alerta a

todos os trabalhadores da Molaflex, para que retirem toda a representatividade ao Executivo fantoche da Comissão de Trabalhadores.

Não tardou, assim, a surgir pretexto para o despedimento da colega Maria Otilia, esposa do Carlos Tavares, o que se verificou no dia 30 de Setembro.

Desde logo se colhe a ilacção de que o Dr. Fontes, profundamente arreigado ao fascismo protector dos capitalistas e monopolistas pretende a todo o custo atacar localmente o processo democrático em curso, numa louca expectativa de manter vigente a estrutura que melhor se coaduna com a sua ideologia-política-fascista.

Mas os trabalhadores estão atentos e não concederão luz verde à reacção. A luta prosseguirá até ao saneamento do Dr. Fontes e dos seus lacaios.

NAO A REACCAO UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Sindicato dos Empregados de Escritório de Aveiro;  
Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro  
Sindicato dos Marceneiros do Porto

**A DEFESA precisa de mais assinantes**

## Cinema



### O cinema, a indústria e os «oscares de Hollywood»

Num sistema capitalista, os meios de produção estão na posse dum grupo de pessoas que são os orientadores da economia. São eles que resolvem o que se deve produzir, em que quantidades, em que condições técnicas, etc. A sua meta é a obtenção do maior volume possível de lucros. É o lucro que comanda a actividade económica duma sociedade, é o lucro que provoca a expansão do mercado nacional, ultrapassando fronteiras e colocando os produtos nos mercados internacionais. Os produtos têm que ser procurados pelo maior número possível de consumidores, têm que ser rentáveis. E assim surgem necessidades criadas pelos produtos para serem satisfeitas com os bens obtidos, isto é, não se produz só aquilo que o público deseja, mas faz-se este desejar aquilo que os produtores querem vender.

O sistema económico serve, não os interessados de uma comunidade, mas os interesses dos produtores.

E o cinema, encarado como indústria e não como arte feita pelo homem e para o homem, obedece às regras do sistema capitalista donde surge. A maioria da produção cinematográfica, exceptuando-se tentativas que pretendem um cinema consciencializado, real, actuante, enquadra-se no sistema capitalista e é, por conseguinte, um produto do qual se pretende tirar o maior número de lucros possíveis.

O cinema oriundo dos Estados Unidos é o protótipo do cinema industrial, constituindo um grande bem de exportação,

veículo eficaz da ideologia capitalista com grande influência nas populações despoliticizadas e produto deveras rentável, tecnicamente bem conseguido e servindo-se de temas que chamam às salas de espectáculos milhares de espectadores.

Por outro lado, a publicidade que o acompanha, as estrelas que encabeçam a lista de actores, os métodos colossais e espectaculares da construção das películas aliados aos temas versados são parte contribuinte dum conjunto de ingredientes que tornam o cinema fonte inesgotável de fabulosos lucros.

E é aqui que poderemos enquadrar o fenómeno dos prémios oferecidos anualmente pela Academia de Hollywood, aos filmes, actores e técnicos que mais se distinguem na produção cinematográfica do ano considerado. Partindo duma ideia do grande senhor do cinema americano Louis B. Mayer, o «Oscar» consiste numa espécie de garantia oferecida ao espectador, que tem assim a certeza de estar a consumir algo em boas condições. Aparecendo pela primeira vez em 1927, este prémio é um tipo de publicidade muito eficaz, conseguindo a promoção internacional dos filmes, actores e técnicos, elaborada para este fim.

Será com base nestes dados que poderemos entender o galardão de 1973 — «A GOLPADA», de J. Roy Hill, agora em exibição entre nós.

M. G.

## A Golpada

A *Golpada* é um filme mediano que acompanha as peripécias de um grupo de marginais ao monte, uma burla para atingir um dos magnates da corrupção e da violência dos «gangsters» dos anos trinta. Criando situações inverosímeis, reparando atenções por várias linhas da acção que mutuamente se atenuam, tirando partido inadequado de um argumento rico em surpresas, *A Golpada* não passa de um projecto mais ou menos interessante de um filme de divertimento, que não ultrapassa no entanto a habilidade da música e da reconstituição da época perdida numa narração lenta e pouco equilibrada, muito comum aliás em grande número dos filmes de Roy Hill.

Vindo da TV, dos seus primeiros tempos, embora só alcançasse notoriedade no cinema alguns anos depois dos seus contemporâneos Penn, Nelson, Frankenheimer, Delbert Mann, etc., Roy Hill é talvez o realizador americano que menos coisas reteve desse estilo televisivo tão comum dos cineastas americanos. A economia de meios expressivos, a desenvoltura narrativa, torna-se em Roy Hill um pesado academismo, que apenas se atenua pela utilização da música e de efeitos do cinema mudo (alterações da velocidade de filmagens, transições por «iris» e «cortinas», títulos e imagens fixas), processos aliás de poucas afinidades com a rotina televisiva.

Cineasta habitualmente mediano, George Roy Hill consegue agora um êxito com um filme igualmente mediano. Das boas intenções não realizadas de outros filmes, encontramos apenas em *A Golpada* um gosto pela nostalgia que recentes filmes de Bogdanovitch, Lucas e Pollach parecem lançar com toda a habilidade mitificadora com que o cinema americano sempre tratou a sua própria história nacional (veja-se toda a história dos «westerns»). Tra-

ta-se de uma nova fórmula ou de uma generalização abusiva? Tanto quanto se pode avaliar *A Golpada* acompanha dificilmente a tentativa de história recente de ambientes sociais que os outros filmes agora a estrear entre nós esboçam, através do retrato de determinadas juventudes típicas, de que *The Last Picture Show* terá sido o pioneiro. São vários filmes que se apresentam simultaneamente e pouco mais, pois pela própria evocação do mundo de gangsters se pensará mais na simpatia que Roy Hill confessa pelo cinema de Arthur Penn (*A Golpada* e *Dois Homens e Um Destino* guardam algumas ligações evidentes como *Bonnie e Clyde*).

(In «V. P.»)

### Almoce ou jante no Restaurante da Piscina

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 920153

### Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica  
Rua 19, 364-1.º — ESPINHO  
Consultas marcadas pelo tel. 921218

## GAZETILHA

### Vale do Vouga integral

Dos cumes da Beira-Alta,  
Onde a raposa regouga  
E o lobo faminto assalta...  
Vinha o «trensinho» do Vouga:

De Viseu, linda cidade,  
Por Lafões era a viagem —  
Terras fartas da «trindade»  
Vitela, vinho e paisagem!

Em mil curvas te inserias,  
Como um vime que se verga;  
No serpear, parecias  
Brinquedo de Nuremberga.

Roubaram-te um dia, a frio,  
O teu gosto de «jogar  
As escondidas», c'ó rio,  
No seu caminho pró mar.

E ao teu percurso total  
Afielaram açaimo...  
Que fez de ti, afinal,  
Um comboio... em «partetaime»!

Se o simples modificar  
Teu sistema de tracção  
Basta, para eliminar  
Fumo, fogo e poluição,

Faça-se isso! E venha a linha  
Prá frente das tuas rodas,  
A desfilar, inteirinha,  
Com as suas curvas todas!

Que à Ria d'Aveiro sigas,  
Junto ao Vouga, teu padrinho!  
E tragas gentes amigas  
Para o nosso Mar d'Espinho!

Alberto Barbosa (BEKA)

### Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877

ESPINHO

### Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273  
Residência — 922424

### Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

**A DEFESA precisa  
de mais assinantes**

SEMANÁRIO  
AVENÇADO